

## Conflito no Opart agrava-se

### Política cultural

**Sindicato Cena-STE considera inaceitáveis propostas da tutela para resolver diferendo laboral no Opart**

O Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo, do Audiovisual e dos Músicos (Cena-STE) afirmou ontem que o conflito laboral no Opart aumentou, após uma reunião com a tutela, que lhe apresentou uma proposta "inaceitável", que retira direitos aos trabalhadores.

"Neste momento, o que nos parece é que o conflito laboral aumenta. O que nos é dito pela secretária de Estado [Ângela Ferreira], as soluções que nos são apontadas vão no sentido de realizar a harmonização salarial que todos consideram que é legítima, não por aquilo que é o vencimento dos trabalhadores do Teatro Nacional de São Carlos [TNSC], mas por aquilo que são as horas de trabalho dos trabalhadores da Companhia Nacional de Bailado [CNB]", disse à Lusa André Albuquerque, do Cena-STE. Ou seja, explica o sindicalista, "vem agora o Governo dizer-nos que considera que o acordo que reduziu as 40 horas [de trabalho semanais] na CNB para as 35, de Setembro de 2017, é ilegal e ilegítimo, e, portanto, o que propõe são três soluções: que os trabalhadores da CNB voltem às 40 horas mantendo o salário, que fiquem nas 35 com redução salarial, ou que façam 35 horas mais cinco horas em banco de horas, mantendo o salário também".

O TNSC e a CNB estão inseridos no Organismo de Produção Artística (Opart) e sob a sua gestão. Do lado do São Carlos, os trabalhadores técnicos poderiam passar a fazer 30 horas, mais cinco em banco de horas, acrescentando, deixando claro que, do ponto de vista do sindicato, "isto é uma proposta inaceitável e aumenta o conflito laboral, porque vai retirar direitos aos trabalhadores da CNB".

À hora do fecho desta edição, o sindicato ainda estava em plenário com os trabalhadores, para lhes transmitir estas propostas, mas mostrava-se convicto de que não seriam aceites, porque "é voltar bastante atrás". **Lusa**



Grande Prémio para Luc Descheemaeker, com *Money Language*

## PortoCartoon 2019: o festival onde "o humor é arte"

Artes  
Sara Pires

**"Capital do cartoon" desde 2008, o Porto abre novamente portas ao humor e recebe a 21.ª edição do PortoCartoon**

Com exposições no Museu Nacional da Imprensa (MNI), Gondomar e, este ano, também em Matosinhos e Vila Nova de Gaia, "esta é, até agora, a maior edição de sempre do Porto Cartoon em termos não só geográficos, mas também de diversidade de obras", afirmou Luís Humberto Marcos, director do MNI e impulsor do festival, numa visita antecipada às exposições destinada a jornalistas.

Para além do alargamento ao Grande Porto, do cabaz de novidades deste ano faz ainda parte uma galeria de arte, no Centro Comercial Alameda, que contará com 12 exposições diferentes durante um ano. "Queremos fazer com o que o PortoCartoon se dissemine, quase osmoticamente, pelos diferentes espaços da cidade", acrescenta o director do MNI, que vê a "linguagem do humor" como uma característica importante para a "valorização" da cidade.

O tema desta edição - *Linguas e Mundo* - tem a particularidade de se estender a "diversas vertentes", desde a política, a económica e a social, para além da linguística. "Procuramos fazer com que os temas da ONU, que são, no fundo, preocupações de todo o mundo, possam também chegar aos

lápids dos cartoonistas", clarifica Humberto Marcos. Esta edição não foge à regra: a ONU declarou 2019 como o ano das línguas indígenas. "Em dez anos, desapareceram mais de 100 línguas no mundo. Isso significa perda de património, algo que é preciso estancar", garante o director.

O "domínio de umas línguas sobre outras é uma questão económica e política", algo que o belga Luc Descheemaeker, vencedor do Grande Prémio do 21.º PortoCartoon, quis representar com a obra *Money Language*, onde Donald Trump se funde com um camaleão, com a língua em forma de uma nota de dólar. Por um lado, representa o "camaleonismo", que "distorce a política", e, por outro, Luc pensou na língua como "um factor económico". Para o premiado, Donald Trump é "uma pessoa que parece falar como um verdadeiro Presidente, mas que, na verdade, fala só sobre dinheiro". "O dinheiro é a linguagem do mundo e o camaleão de Trump é o dicionário da sua língua", salienta o vencedor, que esperava ser um dos finalistas, mas não o primeiro lugar. "É o maior prémio que alguma vez ganhei", diz, mostrando-se "honrado".

O croata Mojmir Mihator arrecadou o segundo prémio e David Vela, de Espanha, ficou com o terceiro lugar do pódio. Para além disso, foram ainda atribuídas 19 menções honrosas.

O festival abre oficialmente no domingo às 17h, no Museu Nacional da Imprensa.

sara.pires@publico.pt

## O Berlinguer Ensemble



Opinião  
Mário Vieira de Carvalho

Em 1973, no âmbito da CDE (Comissão Democrática Eleitoral), constituiu-se o "grupo socioprofissional dos músicos", bastante numeroso e representativo, que participou no programa eleitoral com o manifesto *Pela música em Portugal*. O texto foi elaborado coletivamente, mas continha dois contributos autónomos não assinados: um prefácio, de Fernando Lopes-Graça, e a proposta de criação de uma rede de "centros musicais", de Jorge Peixinho. Este último compôs, a propósito, uma obra intitulada *CDE* (explorando a correspondência das letras CDE às notas dó-ré-mi da escala diatónica), que foi então gravada pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e editada em LP pela Sassetti.

Após o 25 de Abril, muitos dos músicos ativistas da CDE e outros que se lhe juntaram engrossaram a "célula dos músicos" do PCP. A primeira atividade marcante da célula, mormente no plano das relações internacionais, foi convidar nada mais, nada menos do que o compositor veneziano Luigi Nono, uma das referências fundamentais da chamada "vanguarda" musical (com quem, aliás, Peixinho trabalhara em 1960) e que era também conhecido pelo seu ativismo político, inclusive enquanto membro do comité central do Partido Comunista Italiano.

Graças à intermediação de Luís Cília, seu amigo pessoal, Nono visitou Portugal em Fevereiro de 1975. Deu entrevistas à comunicação social, participou em mesas-redondas, animou colóquios em Lisboa, Porto, Barreiro e outros locais, esteve no Alentejo, avistou-se com membros da direção do PCP e do MFA e, é claro, estreitou relações com músicos e outros artistas e intelectuais portugueses.

Quando, em 1976, se colocou a

questão de saber que sugestões teria a célula dos músicos para a primeira Festa do *Avante!*, a realizar na antiga FIL, Luigi Nono não podia faltar no programa. Dados os condicionalismos dos espaços e meios disponíveis, foi logo aceite com entusiasmo a sua proposta de apresentar em Lisboa, através de diapositivos e fragmentos gravados, por ele próprio comentados, a "ação cénica" *Al gran sole carico d'amore* ("Ao sol do meio-dia carregado de amor"), que se estreara no ano anterior no Scala de Milão, com encenação de Yuri Liubimov e direção musical de Claudio Abbado. O evento decorreu no auditório da FIL, a abarrotar de um público irrequieto, em permanente circulação.

Como se lhe fossem familiares as teses de Walter Benjamin sobre o "conceito de história", Nono faz das tentativas revolucionárias falhadas o tema central da obra. Não heróis positivos, triunfantes, mas sim derrotas históricas de projetos emancipatórios, apresentam-se nos diapositivos/sobreposição de imagens dialéticas que apelam à reflexão (*riflessioni* se chamam, de resto, os interlúdios instrumentais que pontuam a obra).

Como coordenador de toda a produção da Festa do *Avante!*, Ruben Tristão de Carvalho esteve em contacto permanente com a célula dos músicos, desde a fase de preparação à da realização do evento. Houve, naturalmente, vários encontros de trabalho, e foi numa dessas ocasiões que lhe ouvi, deliciado com a ironia, a "algunha" com que - como numa inspiração súbita - designou a célula: "Berlinguer Ensemble".

Na *mouche!* - dir-se-ia. Nessa dupla alusão ao Berliner Ensemble, fundado por Brecht em Berlim-Leste (no antigo teatro *am Schiffbauerdamm*, onde se estreara *A Ópera de Pataco*), e ao secretário-geral do Partido Comunista Italiano, Enrico Berlinguer, rosto principal do eurocomunismo, então no auge, Ruben captava em cheio, com o seu proverbial sentido de humor, a ambivalência da situação.

**Professor catedrático jubulado de Sociologia da Música (FCSH-UNL)**